

SBH
Vp180 201
(anexo)

NOTA

Tenho impressão que estas palavras foram do Prof. Cruz Costa, catedrático de Filosofia e grande amigo.

Um esclarecimento: quando S. soube que a direção do Museu Paulista estava vaga, foi ao Paulo Duarte que ele telefonou, sugerindo que lembrasse seu nome ao Governador Macedo Soares.

Rio, abril, 1988

Martins de S.

Deram-me, Sérgio Buarque, um ~~encargo~~ ^{encargo} muito agradá-
vel e honroso a cumprir: ~~o~~ de saudá-lo em nome de seus colegas e
amigos da Faculdade de Filosofia. E eu que não tenho geito para es-
tas cousas, eu que me mantenho silencioso nas reuniões da Congrega-
ção (aliás tão bem lembrada por V., à página 22 de sua tese...), aca-
bei aceitando ~~essa missão~~ a missão de aqui falar.

A indicação de meu nome para dirigir-lhe esta saudação,
nasceu talvez do fato de estarmos sempre a conversar nas reuniões
da Congregação ou de pertencermos à mesma geração, a esta geração da
qual os mais novos já começam a falar mal, a dizer que foi uma gera-
ção perdida. Ora, V. desmente, para alegria e honra nossa, essa a-
pressada afirmação. Aí estão as suas obras, aí está sua vida, tôda
ela dedicada ao estudo e ao trabalho de interpretação do Brasil, o
que não é perder tempo, mas ganhá-lo, e bem, para benefício dos mais
moços.

*

* *

Em ocasiões como esta é costume, fazer-se o elogio do
homenageado. Mas eu não sei elogiar amigos à queima roupa: prefiro
falar bem deles aos que não os conhecem. Ora, todos aqui conhecem
e estimam o Sérgio. Prefiro, pois, contar o que sempre ^{desde 1945} pensei sobre
o nosso amigo, sobre a sua vinda para S. Paulo e para a Faculdade,
~~desde 1945~~

*

* *

Conheci Sérgio Buarque de Hollanda (não vá zangar-se
com a indiscrição...) já entrado na casa dos quarenta (inútil é
dizer que eu andava então pela mesma dezena). Foi isso por ocasião
do primeiro - e talvez único - Congresso Brasileiro de Escritores.

Naquelas horas havia clima para tais reuniões e ali estava Sérgio Buarque de Hollanda assumindo sua parte de responsabilidade no celebrado encontro.

Eu não era ainda catedrático da Faculdade mas já fazia parte das "reliquias da 1ª turma" e estava desde 1934 ligado à nossa escola. Embora não pezassem - nem pezessem - nos destinos administrativos da Faculdade, sempre me parecera, depois que lera os trabalhos de Sérgio Buarque de Hollanda, que ele seria um excelente professor para a nossa escola.

Mas Sérgio vivia na Côrte, onde se passam grandes coisas e não desejaria, por certo, transferir-se para a província, para uma Faculdade tão estranha aos hábitos nacionais. Nossa escola, àquela altura, embora já contasse com nomes ilustres no seu corpo docente, só produzia os famosos "chato-boys" de que falava o saudoso Oswald e as já referidas "reliquias"... Por isso, não lhe falei uma vez sequer - e por pudor - sobre a Faculdade de Filosofia. Mas a idéia de contar com ele, um dia, para honra nossa, como professor em São Paulo, não me largava.

Lembro-me de o haver acompanhado, num intervalo de uma das sessões do Congresso, realizada no Centro do Professorado Paulista, na visita que ele fez à casa em que nasceu, à rua de S. Joaquim. E, enquanto Sérgio Buarque examinava o casarão, eu cá com os meus botões dizia: "êste Hollanda paulista ainda para cá há de vir!"

Não sei, ao certo, quem o trouxe de volta a estas terras cuja história ele tão bem conhece. Creio que foram os Drs. Afonso de Taunay e Macedo Soares e que também nisso andou o dedo do nosso amigo Dr. Fernando de Azevedo. Pois bem hajam por isso.

E assim veio Sérgio Buarque para a direção do Museu. Meti-me, uma tarde, num bonde 4, Ipiranga, - chovia dentro do velho e desmantelado carro que ainda pertencia à Light - e fui visitá-lo à histórica colina. O Museu - que eu vira duas ou três vezes na

minha infância e juventude, era aquele ~~o~~ grande edifício recheado de bicharada empalhada (o que dava um profundo desgosto por tudo quanto é zoologia) - e deixara-me apenas uma lembrança mais viva: a de umas deliciosas balas de ovos que ~~ali~~ se vendiam nas escadarias. Por sinal que ali voltei a encontrar o velho baleiro dos meus tempos de "Anglo-Brasileiro", que as ~~vendas~~ ^{VENDIA} também, como êle dizia, no "Grupo Escolar da Faculdade de Medicina", a antiga...

Mas o Museu, que ficara no meu espírito como alguma coisa que confundia bichos empalhados e balas de ovos, passava agora, com Sérgio lá dentro, a gozar de outro conceito. Já não era a casa das cousas empalhadas. Passaria a ser lugar de história, de história como Sérgio a definiu, de passagem, durante a sua defesa de tese: história que é vida e não cemitério.

Que bom se aquele diretor de Museu viesse a ser, um dia, o guia de estudantes de história do Brasil, - saí dali novamente a pensar...

Por motivo de saúde, o nosso amigo Dr. Ellis aposentou-se e foi então que o Departamento de História lavrou um tento, indicando a Sérgio Buarque de Hollanda para a vaga que se abriu. E, assim, preenchidas tôdas as burocráticas formalidades, um homem para o qual se poderia, sem reserva e sem medo, invocar a justificação do "notório saber", está hoje conosco, a ilustrar ~~e honrar~~ o corpo docente de nossa Faculdade.

Não terminarei porém estas descosidas considerações, sem lhes contar - e pena é que não estejam aqui estudantes - ao que assisti em meados de novembro último. Sérgio Buarque de Hollanda, um dos mais ilustres historiadores vivos do Brasil, estava nervosíssimo nos dias das provas do concurso. Ele, que domina a história de nossa terra, desde as visões edênicas até as infernais, escondia, por detraz do seu sorriso e de um abundante suor (é verdade que fazia naqueles dias, um tremendo calor), uma indisfarçável inquietação. E que grande e alta lição dava, assim, aos jovens! Que significati-

vo exemplo de responsabilidade intelectual êle revelava naquele injustificado temor!

§

Meus amigos, - não prolongarei esta saudação para não lhes perturbar a digestão. Quero agora, meu caro Sérgio, dizer-lhe da grande alegria que todos nós sentimos em tê-lo como companheiro na Faculdade. Possa V., por longos, saudáveis e tranquilos anos, ao lado de Da. Maria Amélia e de seus filhos, continuar a dignificar, como tem dignificado e honrado, a cultura e a inteligência de nossa terra. E aqui, de todo o coração, o abraço de todos os seus amigos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.